

Alexandra de Brito Mariano, PhD
Departamento de Letras Clássicas e Modernas
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade do Algarve
8005-139 Faro
PORTUGAL
[amariano@ualg.pt]

***Salus maris* ou peixe no menu: notas sobre duas obras latinas seiscentistas da BMT**

1. Introdução

A literatura da especialidade¹ utiliza os termos “dietética” e “dieta” genericamente para todas as medidas, alimentares ou não, que visam proporcionar condições óptimas de vida quer a pessoas saudáveis, quer àquelas que se encontram doentes. Neste sentido, são sinónimos de higiene alimentar e estilo de vida. Mas, numa acepção mais restrita, os termos aplicam-se à opção por comidas e/ou bebidas que promovam a manutenção da saúde de uma pessoa saudável, ou restabeleçam a do indivíduo doente. Num sentido ainda mais específico, o termo “dieta” é utilizado para referir os cuidados alimentares com os doentes, consistindo na maior ou menor limitação da comida ingerida e na prescrição de alimentos específicos.

Devido à incipiência do conhecimento científico, particularmente no que se refere à fisiologia do aparelho digestivo e do metabolismo, os princípios teóricos da “dietética”, até meados do século XIX, foram limitados pelo empirismo e encontravam-se fortemente ancorados na intuição, tradição, magia e religião. As inúmeras obras de “dietética” publicadas a partir do século XVII e até ao século XIX, dizem sobretudo respeito à descrição das comidas e bebidas coevas, bem como aos modos da sua preparação. Forneciam, em regra, indicações sobre a forma como estes alimentos beneficiavam a saúde e quais os que deviam ser prescritos ou evitados no tratamento de doenças específicas. Não surpreende, pois, verificarmos hoje que algumas destas prescrições, bem como os princípios “dietéticos” em que se baseavam, são ineficazes e, até, perigosos; por outro lado, outros há que permaneceram válidos à luz do conhecimento científico e terapêutico actual, tendo sido confirmados pela investigação posterior.

Dois médicos de renome internacional, no século XVII, Luís Nunes e Willem Piso, originários dos Países Baixos, deixaram-nos testemunho desta questão em tratados de importância inquestionável, que integram hoje o Fundo Antigo da Biblioteca Municipal de Tavira. Referimo-nos, designadamente, ao *Ichthyophagia sive de piscium esu commentarius*, publicado em Antuérpia no ano de 1616 – exemplar único referenciado nas bases bibliográficas publicamente acessíveis do nosso país – e ao *De Indiae utriusque re naturali et medica. Libri quatuordecim*,² editado em 1658 em Amesterdão. Deste último existe também uma cópia microfilmada na secção dos Reservados da Biblioteca Nacional.

Esta comunicação pretende contribuir para a divulgação pública de conteúdos algo olvidados, numa época em que nunca se falou tanto da importância da alimentação no contexto duma educação para a saúde, e ao mesmo tempo enfatizar o valor patrimonial e relevância historiográfica das obras referidas, alertando para a necessidade imperiosa de preservar espólios documentais que integram espécimes como os que aqui se referem. São obras que inauguram a defesa científica de hábitos alimentares equilibrados, alicerçando um discurso inovador, numa época de profunda mutação histórica e cultural, imposta pelo contacto com as realidades exóticas do Novo Mundo.

2. Enquadramento histórico-biográfico

Luís Nunes, descendente de marranos portugueses, nasceu em Antuérpia em 1553 e obteve o grau médico em Lovaina, em 1557, tendo pertencido ao grupo de médicos judeus de ascendência portuguesa responsáveis pelo forte impulso que a medicina recebeu nesta cidade, durante todo o séc. XVII, que foi em grande parte fundado sobre a recuperação das fontes árabes e islâmicas e, mais remotamente, da tradição grega. Rubens, de quem era amigo, deixou-nos um retrato de Nunes que está hoje na *National Gallery* britânica; era também amigo do poeta Justus Lipsius. Faleceu em 1645, deixando uma vasta obra em latim, composta essencialmente por tratados de medicina e de ciências naturais, bem como algumas obras poéticas.

Willem Piso, também conhecido por Guillelm Pison, nasceu em 1611, na cidade holandesa de Leiden. Em comum com Nunes, Piso tem a formação em medicina, com a curiosidade científica inerente, e a região geográfica onde trabalharam, os Países

Baixos. Piso estudou medicina na sua cidade natal e depois em Caen, na Normandia, onde viria a completar a escola médica em 1633, regressando nesse mesmo ano à Holanda, praticando medicina em Amesterdão. Durante o período da ocupação holandesa do Nordeste brasileiro, entre 1624 e 1654, em pleno século de ouro da cultura e poderio holandês, são vários os homens de ciência que se deslocam à América do Sul, revelando depois à curiosidade europeia aspectos da fauna, flora, clima e doenças do Brasil. Tal foi o caso de Willem Piso que partiu para o Recife, em 1637, tendo provavelmente partilhando a viagem com outros cientistas, designadamente com o astrónomo, cartógrafo e naturalista alemão Georg Marcgraf;³ Piso tinha sido nomeado para o cargo de físico particular do Governador da colónia holandesa do Brasil, o conde João Maurício de Nassau, filho do monarca Guilherme de Orange.

É sob a sua égide, de 1637 a 1644, que acontece o período mais próspero desta ocupação tumultuosa; o governo de Nassau logra pacificar a colónia, reorganiza a administração, revitaliza a cultura do açúcar – móbil maior da ocupação – e oferece a sua protecção às ciências, às letras e às artes. Piso priva de perto com o Conde, aproveitando para exercer medicina e fazer numerosos estudos de patologia tropical, tendo sido precursor na descrição das “boubas” dos indígenas; em 1644, quando Maurício é exonerado do seu cargo, regressa com ele aos Países Baixos, estabelece-se primeiro em Leiden e mais tarde em Amesterdão, onde viria a destacar-se como membro da comunidade científica; faleceu nessa cidade, em 1678.

3. Notas bibliográficas

Luís Nunes é considerado por muitos estudiosos da especialidade como o fundador da dietética e o primeiro a estudar sistematicamente os alimentos de um ponto de vista médico e higiénico. O *Diaeteticon...*, editado em Antuérpia em 1626, é o seu trabalho mais conhecido sobre o assunto. Recupera aqui, no terceiro livro, acerca dos diferentes produtos do mar e dos rios, questões relacionadas com a alimentação saudável que já anteriormente, mais precisamente, dez anos antes, tinha abordado na sua obra *Ichthyophagia...*⁴

Neste in-octavo de reduzidas dimensões, verdadeira apologia ictiológica e gastronómica, Nunes defende as vantagens e benefícios de uma alimentação piscívora. Após a introdução, apresenta uma lista de vocábulos, em latim, grego, italiano, castelhano, francês e flamengo relativa ao pescado que vai ser objecto da sua atenção. São quatro dezenas de espécies descritas ao longo de quarenta e dois capítulos, atendendo sempre à sua utilidade na dieta quotidiana. Considera, desde logo, que o lugar que o pescado ocupa, seja na protecção da saúde, seja na cura de doenças, não será difícil de demonstrar (*seu sanitate tuenda, sed etiam seu morborum curatione, locum habuisse non erit difficile monstrare*, p. 29).

Nunes inicia a sua apologia com uma citação de Plutarco: “Ora as virtualhas marinhas para além de serem muito agradáveis, são também inofensivas, pois apesar de carnosas, não pesam do mesmo modo que a carne; pelo contrário, são facilmente cozinhadas e digeridas” (*Nam & marina obsonia praeterquam quod sint suavissima, maxime etiam sunt innoxia, nam & carnosae sunt, & non perinde ut carnes gravant, sed facile concoquantur & digeruntur*, p. 29). Socorre-se depois do crédito de Galeno e também do de Michaele Duca,⁵ estudioso coevo, mas ilustre desconhecido nos nossos dias, para defender que o peixe é o alimento indicado para as pessoas que já não têm uma vida activa, que sejam relativamente débeis ou que estejam a convalescer de alguma doença (*Conueniunt iam dicti pisces otiosis hominibus & non robustis, & a morbo conualescentibus*, p. 30). Considera, com efeito, que, “se o consumo de peixe acarreta vantagens para a saúde, por que não admitir que uma alimentação nele assente trará benefícios para o nosso bem estar?” (*Si itaque adeo salubriter pisces degunt, cur non etiam fatebimur, illorum esum nobis salubrem fore?* p. 33) No seu entender, fica, pois, provado pelos argumentos dos mais reconhecidos autores que o peixe é um alimento saudável (*salubrem piscium esu, tot illustrium scriptorum suffragiis probatum*, p. 34).

A descrição dos peixes que referencia é acompanhada por indicações que remetem para as características físicas da espécie, mas que definem igualmente um determinado enquadramento cultural. Com frequência, Luís Nunes retoma citações de escritores da tradição, fazendo suas as palavras desses autores. Atente-se no exemplo da dourada, peixe habitual nas refeições de hoje: “A dourada tem a carne branca, firme, densa, de bons humores. De assimilação fácil, alimenta e é facilmente

expelida pelo organismo. Entre os iberos e os italianos goza de grande prestígio, desde tempos imemoriais”.⁶

De forma muito breve, fica referida a *Ichthyophagia...*, obra cuja importância precursora nos vai permitir perceber melhor a relevância do contexto pré-científico com que nos deparamos a partir da segunda metade do século XVII. Depois duma obra que se ocupa dos peixes atlânticos – ou seja, europeus – o cimélio que recebe agora a nossa atenção tem a sua génese intimamente associada ao momento histórico da ocupação holandesa do Nordeste do Brasil e procura abarcar, obviamente, a fauna marítima austral.

A vasta produção documental de carácter científico e artístico produzida durante a governação de Maurício de Nassau, incluindo gravuras, desenhos, quadros, mapas e inventários da fauna e flora brasileiras, em exemplares ricamente ilustrados, teve uma influência inquestionável sobre a imagem que a Europa viria a formar do Novo Mundo, nomeadamente sobre o Brasil. A *Historia naturalis Brasiliae*, publicada em Amesterdão em 1648, da autoria conjunta de Piso e Marcgraf, e patrocinada pela Companhia holandesa das Índias Ocidentais, manteve-se como um valioso compêndio de época da fauna e flora do Brasil e foi obra de referência até ao século XIX.⁷ Este estudo serviu a Piso para publicar, em 1658, uma versão revista e emendada, a que deu o título de *De Indiae utriusque re naturali et medica*, em cuja primeira parte, no livro III, se abordam temas ictiológicos merecendo por isso a nossa atenção no contexto presente.

Refira-se que o facto de Piso ter feito esta segunda edição com um novo título e exclusivamente em seu nome, bem como o menor cuidado e alguma falta de rigor na utilização de observações de que Marcgraf teria sido efectivamente o responsável, valeram-lhe uma crítica acerba por parte de Carl Linneu, figura tutelar das ciências biológicas cujo nascimento vê comemorado o tricentenário no ano em curso.

De facto, cotejando ambas as obras no que aos peixes, em particular, diga respeito é possível constatar que no *De Indiae...*, primeira parte, livro III, Piso recupera e reformula a informação presente na segunda parte, livro IV da *Historia naturalis...*, da autoria de Marcgraf; também os desenhos são muito semelhantes nas duas obras,

passando de coloridos a monocromáticos no livro em que Piso se assume como único autor. Mas uma apreciação sumária não é suficiente para remeter a mesma para o catálogo da irrelevância, podendo *De Indiae...* considerar-se um esforço meritório de divulgação, numa altura em que a circulação das obras científicas e os critérios de avaliação dos seus méritos não eram exactamente aqueles que hoje imperam.

A título de ilustração, considere-se o caso da Salema,⁸ referida em ambas as obras. As diferenças mais evidentes começam no vocábulo indígena para este peixe, que Marcgraf diz ser *Sallema* e Piso, *Pacu*. Por outro lado, Piso tem a preocupação de indicar designações para o peixe em flamengo (*Nostrates “Steen-braesem” vocant*), em português (*Lusitanico idiomate “Salema”*) e em latim e grego (*Graecis & Latinis Salpa dictus*), ao passo que Marcgraf indica apenas o correspondente latino e grego (*Salpa Graecis & Latinis*). Também as referências de autoridade não são totalmente equivalentes; enquanto Marcgraf nomeia os físicos e naturalistas Gesner e Aldrovandi, Piso cita apenas Gesner.⁹ Na ficha relativa a este peixe, Piso omite alguns dos traços mencionados por Marcgraf como, por exemplo, o tamanho (*piscis in pedalem magnitudinem excrescit*, i.e., “peixe que cresce até ao tamanho de um pé”, cf. *Historia naturalis ...*, parte 2, p. 153), o número de estrias do corpo (*corporis latere secundum longitudinem novem strias flavas seu aureas habet*, i.e., “de lado, ao comprido, este peixe tem nove estrias amarelas ou douradas”, cf. *id.*, p. 154), pelo que a sua informação resulta algo sucinta e vaga em demasia. No entanto, são mantidos traços como a semelhança com o sargo – na tradução: “Assemelha-se bastante ao sargo quer na boca, na cabeça, nos dentes e nas barbatanas; é um tanto diferente na cor e nas estrias cinzentas e douradas que vão da cabeça à cauda.”¹⁰ Se as informações de Marcgraf a propósito da Salema parecem, à luz da moderna ictiologia, falhas de rigor, com o recurso à imagem a não contribuir grandemente para uma classificação exacta – facto que será, cerca de oitenta anos mais tarde, também preocupação de Linneu¹¹ – a revisão de Piso, dez anos posterior, não é mais esclarecedora.

Apesar da validade das críticas de que foi alvo, dum ponto de vista genérico, pode dizer-se que o trabalho de Piso não é, de todo, destituído de interesse. Logo na *Historia naturalis Brasiliae*, por exemplo, apresenta um estudo de várias enfermidades, como a doença das Chagas,¹² debruça-se sobre as causas da disenteria

e também, questão mais pertinente para o tema deste trabalho, sobre os problemas físicos causados por dietas deficientes. Neste particular, faz interessantes observações acerca da grande incidência de problemas oculares, designadamente da cegueira nocturna,¹³ prevalecente entre os soldados e população civil da colónia holandesa. Reparando que os nativos não eram afectados por estes problemas, o médico holandês vai atribuir o facto à significativa diferença entre a dieta das duas populações em questão. Enquanto a dieta nativa se baseava essencialmente em vegetais e peixe fresco, esses ingredientes estavam grandemente ausentes da alimentação habitual dos holandeses. A questão é retomada na primeira parte, livro III, do *De Indiae...*, livro que ao longo de trinta fólios nos apresenta 77 peixes comestíveis (*edulibus*, p. 47), tanto oceânicos, como fluviais, não sendo exclusivamente brasileiros.

Acreditando, tal como Counihan e Esterik, que “passam mundos entre uma dentada e outra”,¹⁴ vemos no caso vertente um exemplo da interacção que se estabeleceu entre os autóctones americanos da terra brasílica, os habitantes deste Novo Mundo, e os europeus, quer os residentes no Brasil, quer os da Europa continental, onde a obra será publicada e divulgada, vinculados pela comida, mais precisamente neste caso, pelas virtudes do consumo do pescado. Piso refere expressamente que “rios e mares ricos em peixe convidam as gentes dos seus litorais para uma faina fácil e proveitosa fornecendo-lhes também, no peixe, um alimento mais delicado e de sangue mais temperado do que o dos quadrúpedes e aves que substitui.”¹⁵ O autor considera, a este respeito, que se trata de alimento muitíssimo agradável e bastante saudável, por não ser nocivo para quem ter febre, tal como foi sua experiência directa e, indirectamente, a de muitas outras pessoas.¹⁶

O critério de selecção das espécies incluídas na obra baseia-se, portanto, no uso quotidiano (*pauciora eaque usu quotidiano comprobata contrahere*, p. 47). São apresentadas as espécies capturadas e celebradas todos os dias pelos pescadores (*Illos qui a piscatoribus quotidie ad nos deferuntur ac celebrantur*, p. 47), permitindo ao leitor escolher as da sua preferência ou aquelas que deve rejeitar (*vel praeferendi vel postponendi sint*, p. 47).

A descrição que acompanha a imagem e que caracteriza fisicamente o peixe, apresenta muitas vezes, à semelhança do que encontramos na *Ichthyophagia...* de Luís Nunes, indicações curiosas que definem uma selectividade gastronómica e indiciam as interacções sociais que acompanham o seu consumo. É possível referenciar dados sobre o tipo de carne, o seu sabor e a forma como deve ser cozinhado um determinado peixe.

Vejam-se alguns exemplos de espécies marítimas ainda hoje presentes nas nossas mesas:

1. Tipos de carne, sabor e qualidades nutritivas. Mero: “A carne é firme, não enxuta, de óptimo sabor e alimentícia” (*Carne est solida, non dura tamen, optimi saporis & nutrimenti*, p. 49); Bocado: “Bem provido de carnes, gordo, sem espinhas ou cartilagens, bastante bom, sobretudo se o espécimen é jovem” (*Carne est copiosa, pingui, non spinosa nec glutinosa, sed satis bona, imprimis si juvenis sit*, p. 56); Sarda (Cavala): “Embora a carne seja seca é, no entanto, salutar, se for de um jovem” (*Carne enim quamvis sit sicciori, salubri tamen & grata, si juvenis sit*, p. 59); Robalo: “Têm uma óptima carne, de grande brancura” (*optimi albissimaque carne sunt*, p. 74).
2. Modo de preparação. Bonito: “Tem muito boa carne e gordura, e por isso é visto como importante fonte de sustento pelas gentes do mar; é preparado de variadas maneiras, de preferência condimentado com sal e pimenta” (*multaque carne & pinguedine abundat, eaque satis proba, ac proinde magno vitae est sustentaculo maris accolis quocunque modo preparatus, imprimis autem si sale & pipere parum condiatur*, p. 52); Peixe galo: “Toda a gente o coze ou frita numa sertã” (*ab omnibus pariter vel coquitur vel frigitur in sartagine*, p. 55); Sarda (Cavala): “É consumida em todo o lado pelos habitantes, tanto fresca como salgada, com grande prazer” (*omnibus passim incolis tam recens quam salitus & in penu reconditus, magno est oblectamento*); Robalo: “É servido à mesa dos grandes ora cozido, ora assado, com grande aparato de condimentos” (*diverso condimentorum apparatu magnatum mensis imponuntur, nunc elixi, nunc assati*, p. 74).

4. Apreciação dos testemunhos

Característica evidente das duas obras da BMT que têm recebido a nossa atenção é a remissão constante para autoridades na matéria em apreço, não só da Antiguidade, mas também mais recentes, evidenciando o conhecimento de textos relevantes para o trabalho desenvolvido e garantindo, desta forma, o rigor científico possível para a época. Quer Nunes, quer Piso, têm também a preocupação de estabelecer correspondências linguísticas que servem para potenciar a compreensão do vocábulo a que se estavam a referir e do seu significado, numa tentativa de anular ambiguidades. Por exemplo, Piso utiliza o português,¹⁷ bem como a “língua geral do brasil”, o tupi.¹⁸ É importante relembrar que, ainda que o português fosse a língua oficial na colónia, o tupi era a língua falada e compreendida por todos – até ao começo do século XVIII a proporção entre os falantes do tupi e do português era cerca de três para um a favor do tupi, idioma que, maioritário entre os nativos que ocupavam à data quase todo o litoral brasileiro, continuou a ser predominante até ao final de Setecentos.¹⁹

Por outro lado, a utilização do latim, língua em que ambas as obras foram redigidas, prende-se com o seu estatuto de língua canónica para a circulação do conhecimento. Naquela época, apesar do uso e eventual predominância dos idiomas vernaculares, o latim era a língua por excelência para a difusão do saber e da ciência do mundo culto ocidental, papel que manteve até bem adentro do século XVIII; enquanto língua comum a letrados de diversas proveniências, facilitava as trocas intelectuais e fundava a criação de uma comunidade científica, nivelada pela partilha da mesma língua de adopção: uma verdadeira *varietas gentium – communis latinitas*, sem dúvida responsável pela evolução e avanço que se vai operar nas ciências ao longo dos séculos seguintes.²⁰ O uso do latim terá certamente contribuído para desenvolver o sentimento de pertença de Nunes e de Piso a uma comunidade científica alargada, mas coesa, numa época de rápido avanço das ciências. Além disso, a língua latina poderá ter servido aos autores para atribuir legitimidade científica ao que escreveram, assegurando ao mesmo tempo a possibilidade de uma circulação alargada, que assim seria aceite e discutido internacionalmente nos círculos mais ilustrados.²¹

Em consonância com o espírito da época em que viveram, quer Nunes, quer Piso, interessam-se pelas aplicações práticas da sua ciência, recorrendo à experiência empírica para legitimar a sua produção científica. Alguns dos princípios que formulam acerca do que deve ser uma alimentação saudável, mantêm-se válidos hoje em dia. Em especial, a necessidade de incluir o consumo de peixe numa dieta equilibrada mantêm-se actual – preocupação que aliás os portugueses acolhem favoravelmente, visto serem os maiores consumidores *per capita* de pescado da Europa comunitária.²² Além disso, e como vimos, muitas das espécies piscícolas inventariadas fazem ainda parte do menu e dos hábitos alimentares contemporâneos.

Bibliografia

- Barbosa, A. L. (1951) *Pequeno vocabulário tupi-português* (Rio de Janeiro: Livraria São José).
- Bethell, L. (ed.) (1989) *The Cambridge History of Latin America, vol. 2: Colonial Latin America* (Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press), esp. pp. 430; 450-1; 524 sqq.
- Boxer, C. R. (1957) *The Dutch in Brazil 1624-1654* (Oxford: Clarendon Press).
- Bruce-Chwatt, R. M. (1984) “Ludovicus Nonnius, M.D., 1553-1645”, *Bulletin of the New York Academy of Medicine: a journal of urban health* 60(9), 938-43.
- Counihan, C. & P. van Esterik (eds.) (1997) *Food and culture: a reader* (New York & London: Routledge).
- Dias, J. A. (2003) *Portugal e o mar: importância da Oceanografia para Portugal* (Lisboa: Apenas Livros) [E-book disponível em: <http://w3.ualg.pt/~jdias/JAD/ebooks/ImpOcPort.pdf>]
- Freedberg, D. (2002) *The eye of the lynx: Galileo, his friends, and the beginnings of modern natural history* (Chicago: The University of Chicago Press).
- Houaiss, A. (dir.) (2001) *Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Editora Objetiva). [Disponível em CD-ROM]
- Lacroix, E. (1996) “From empirical 'dietetics' to rational dietetics”, *Verhandelingen – Koninklijke Academie voor Geneeskunde van België* 58(3), 201-37.
- Lewis, C. T & C. Short (1998) *A latin dictionary* (Oxford: Oxford University Press).
- Nunes, L. (1616) *Ichtyophagia sive de piscium esu commentarius* (Antuerpiae: Apud Petrum & Ioannem Belleros).
- Piso, W. (1658) *De Indiae utriusque re naturali et medica. Libri quatuordecim* (Amstelaedami: Apud Ludovicum et Danielelem Elzevirios).
- Ricon Ferraz, A. (1996) “The Portuguese background of Ludovicus Nonnius”, *Verhandelingen – Koninklijke Academie voor Geneeskunde van België* 58(3), 239- 50.
- Sampaio, T. (1901) *O tupi na geografia nacional* (S. Paulo: Casa Eclética).
- Serrão, J. (1981) *Dicionário de História de Portugal* 1, (Porto: Figueirinhas), pp. 373-82.
- Tricot, J. P. (1996) “Ludovicus Nonnius (1553-1645) Marrano physician in Antwerp, author of the *Diaeteticon*”, *Verhandelingen – Koninklijke Academie voor Geneeskunde van België* 58(3), 251-269.
- Waquet, F. (2002) *Latin or the empire of a sign* (London & New York: Verso).

¹ Referimo-nos especificamente ao artigo de Lacroix (1996). V. Bibliografia.

² A primeira parte, da autoria de Piso, denomina-se *Historiae naturalis & medicae Indiae Occidentalis. Liber quinque*. A secção do livro terceiro que diz respeito aos peixes ocupa as páginas 47 a 74. A obra tem como co-autores Georg Marcgraf (1610-1644), parte 2: *Tractatus topographicus & meteorologicus Brasiliae, cum observatione eclipsis solaris...* (39 pp.) e Jacob Bondt (1592-1631), parte 3: *Historiae naturalis & medicae Indiae Orientalis libri sex...* (226 pp.).

³ Também conhecido por Markgraf, nasceu em 1611 em Liebstadt (Saxe). Em 1636 partiu para Leiden, e um ano depois para o Brasil. Sabe-se que construiu um observatório no Recife e que exerceu medicina. Fez inúmeras expedições a várias partes da colónia holandesa para estudar história natural e recolher informações para um mapa do Brasil. O resultado do seu trabalho cartográfico foi um mapa publicado em 1647 por Caspar Barlaeus (1584-1648). Destacou-se, igualmente, por contribuições para a zoologia e botânica. As suas descrições foram utilizadas por vários homens de ciência do séc. XVIII como, por exemplo, John Ray, Buffon, Johann Friedrich Gmelin ou Carl von Linné. Faleceu em 1644 na Nova-Guiné, de um acesso de febre. Apesar de ter morrido muito jovem, a qualidade dos trabalhos e observações valeu-lhe ser considerado como o explorador mais importante do Brasil no século XVII. Foi o primeiro naturalista que publicou descrições e figuras de peixes com o rigor suficiente que permitia que fossem identificadas especificamente. Muitas ainda são grotescas, mas a maioria tinha os traços que a tornava reconhecível e um número de peixes brasileiros que reproduziu foram mais tarde introduzidos na classificação de Linné.

⁴ O título completo é *Diaeteticon sive de re cibaria* (4 vols., 1626; 2.ª ed. 1645). Sobre esta obra, ver Tricot (1996). Para além deste estudo e de *Ichthyophagia...* (Antuérpia, 1616), deixou-nos outros livros de relevo também publicados em Antuérpia na primeira metade de seiscentos: *Hispania, sive de oppidis, fluminibusque veteris Hispaniae, elegantissimus commentarius* (1607; reimpresso no volume IV da *Hispania Illustrata*) e *Commentarius in Iulium Caesarem, Augustum Tiberiumque in Huberti Goltzii Graeciam, Insulas et Asiam Minorem* (1620).

⁵ As referências a antigos e modernos, homens de ciências e de letras, são constantes: Plutarco, Marcial, Columela, Ovídio, Varrão, Valério Máximo, Manílio e muitos outros. O livro tem poemas inteiros em grego e a tradução latina em seguida. A remissão mais frequente é, no entanto, para Galeno. A renovação da tradição galénica durante o Renascimento foi um elemento importante no desenvolvimento da ciência moderna.

⁶ Cf. *Aurata est candidae carnis, solidae, condensae, boni succi, facilis distributionis, alitque, & non difficulter excernitur* Nostro etiam aevo inter Hispanos Italosque auitam gloriam egregie adhuc tuetur Aurata. (p. 87) Citação de Xenócrates.

⁷ A obra influenciou vários autores tal como Linné, no seu *Systema naturae* (Estocolmo, 1758). Disponível em: <http://www.botanicus.org/Title.aspx?barcode=31753000818648>;

<http://www.illustratedgarden.org/mobot/rarebooks/title.asp?relation=QH117P571648>. Tradução portuguesa de José Procópio de Magalhães (Imprensa Oficial do Estado, 1942), nomeadamente do livro IV, sobre peixes, da autoria de Marcgraf, em <http://research.amnh.org/ichthyology/neolit/Marcgr/marcgrave1.html>. Todos os URL foram acedidos em Setembro de 2007.

⁸ Cf. *Historia naturalis...*, parte 2, lib. IV, pp. 153-4; *De Indiae...*, parte 1, lib. III, p. 53.

⁹ Conrad Gesner (1516 – 1565), físico e naturalista suíço que se destacou pelas compilações sistemáticas de informações que recolheu sobre animais e plantas. Uma das suas obras de maior nomeada é a *Historia animalium* (1551 – 1587) onde tentou distinguir factos observados de histórias e mitos. Ulisse Aldrovandi (1522 – 1605), naturalista e físico nascido em Bolonha, ficou igualmente conhecido pelas suas anotações rigorosas de animais, plantas e minerais. Existem, porém, ao longo do *De Indiae...*, parte 1, lib. III, referências a outras autoridades como Aristóteles, *Hist. nat.* (p. 50) e Galeno (p. 74).

¹⁰ Cf. *De Indiae...*, parte 1, lib. III, pp. 53: *Ore autem, Capite, Dentibus & Pinnis Sargo similissimus est; colore tantum & striis illis a capite ad Caudam conspicuis ex argenteo & flavo ab eo differens.*

¹¹ O recurso às imagens na história de ciência foi sempre uma questão pouco consensual desde a Antiguidade. Escritores médicos e de história natural como Galeno e Plínio-o-Velho (cf. *Nat. hist.*, 25, 2: *Verum & pictura fallax est*) eram seriamente cépticos em relação à sua utilização e valor. Para ambos os desenhos eram enganadores e sedutores, enquanto as palavras eram um meio mais adequado, conveniente e conciso de transmitir, por exemplo, a informação sobre história natural. Idêntica posição assumiu Linné: “I do not recommend the use of images for the determination of genera. I absolutely reject them – although I confess that they are more pleasing to children and those who have more a head than a brain. I admit that they offer something to the illiterate [...]. But who ever derived a firm argument from a picture?” Cf. Carl Linné, *Genera plantarum, eorumque characteres naturales* (Leiden, 1737), fols. §§r- §§v, sec. 13; *apud* Freedberg (2002), pp. 412-3; cf. tb. pp. 393-5. A obra de Freedberg é precursora na análise da importância das imagens no desenvolvimento da história natural.

¹² I.e. a *Trypanosomiasis americana*, causada pelo *T. cruzi*, é transmitida aos humanos pela picada de insectos e endémica na maioria das zonas rurais da América Central e do Sul.

¹³ Também denominada *nyctalopia*. Consiste na falência do olho em fazer a adaptação da luz para a escuridão, e na reduzida capacidade de ver com luz fraca ou de noite.

¹⁴ “We believe that worlds pass between one bite and another”. Cf. Counihan & Esterik (1997), p. 1.

¹⁵ Cf. *De Indiae...: Cum e contra fluvii inclyti atque mare piscosissimum invitent littorales populos; tum quod facilem & quaestuosam piscationem suppeditent, tum quod ipsi pisces nutrimentum tenuius & sanguinem temperatiorem quam quadrupedes & volatilia surrogent.* (p. 47)

¹⁶ Cf. *De Indiae...: gratissimoque alimento existunt, imo usque adeo salubres judicantur maxima pars, ut ne quidem febricitantibus noceant, sicut ipse multoties alique mecum experti sunt.* (p. 47)

¹⁷ A preocupação do estabelecimento de uma correspondência linguística é também evidente na segunda obra do *De Indiae...*, a de Georg Marcgraf. Por exemplo, logo no primeiro livro, cap. X, apresenta um breve resumo (*De lingua brasiliensium, e grammatica*) da célebre gramática do tupi do jesuíta Anchieta: i.e. *Arte de Grammatica da Lingoa mais usada na costa do Brasil* (Coimbra: Antonio de Mariz, 1595); no cap. XI, pp. 22-24, encontra-se um pequeno dicionário, com os vocábulos tupi mais comuns e a respectiva tradução latina. No livro seguinte, cap. V, pp. 32 a 34 a situação é idêntica, com o chileno. Apresentam-se nomes comuns (por exemplo *Challo acaman*, “Piscator”; *Challua*, “Piscis”), uma lista de verbos e uma lista de numerais. Jacob Bondt, autor da terceira obra, vai ainda mais longe. Indica os vocábulos referentes aos vários animais em latim, português, malaio (*Malaiis*) e flamengo (*Belgae*); por vezes também anota correspondências em grego e em árabe.

¹⁸ Cf. *De Indiae...* p. 48: *Interim non est quod lector frontem corrugat propter insueta auribus vocabula, si a nostra dialecto plerumque abhorreant. Cogitandum enim, nos extra Latium & Graeciam versari; neque solis veteris orbis populis concessum esse voces condere.* “No entanto que o leitor não franza a testa por causa de vocábulos inusitados, se muitas vezes diferem da nossa forma de falar. Deve pensar, na verdade, que nos debruçamos para o exterior do Lácio e da Grécia; e nem é permitido aos povos antigos da terra que sejam eles apenas os guardiães das palavras.”

¹⁹ Os povos de raça tupi dominavam também o vale do Paraná-Paraguai e erguiam colónias através dos vales do Araguaya, Tapajós e Madeiras, alcançando o Amazonas, e ainda se encontravam representantes para além das Guianas, no vale do Orinoco, e nas Antilhas. Hoje o tupi é um tronco linguístico que compreende, no Brasil, dez famílias vivas, distribuídas por 14 estados;

estende-se também pelos seguintes países: Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina. Cf. Houaiss (2001) e Sampaio (1901), pp. 11-17.

²⁰ A produção de obras em latim sofreu um acentuado declínio a partir de meados de Setecentos. Este processo não foi, no entanto, semelhante em todos os países. Se, por exemplo, em França o decréscimo foi muito veloz, em Itália foi consideravelmente lento. Apesar do declínio irremediável que foi sofrendo, o latim continuou a ser utilizado durante o século XVIII, especialmente em obras de carácter científico, teológicas e manuais escolares. Sobre o latim enquanto língua do saber, cf. Waquet (2002), esp. pp. 81-99.

²¹ Caso curioso de uma obra primeiro publicada em língua vernacular, mas logo depois em latim, para garantir circulação alargada entre a comunidade científica, é *Opticks: or, A Treatise of the Reflections, Refractions, Inflections and Colours of Light* (Londres, 1704) da autoria de Isaac Newton. A primeira edição é inglesa mas dois anos depois, a pedido do próprio Newton, é feita edição latina.

²² Segundo valores de 1992-94, o consumo português *per capita* (62 kg/ano) é quase o dobro do segundo maior consumidor, a Espanha (38 kg/ano). Cf. Dias (2003), p. 3.